

Arte Medieval

João Pedro Ricaldes dos Santos - História da Arte

A arte medieval pode ser abordada em pelo menos três grandes fases: arte bizantina, arte românica e arte gótica. As duas primeiras fases e o período gótico pré-Giotto apresentam um eixo em comum que as diferenciam da arte clássica (grega e romana) e da arte pós-Giotto: recusa da tridimensionalidade; a luz como metáfora de Deus e o uso da imagem como meio, não como fim.

Arte Bizantina

A arte bizantina passou por diversas fases, mas foi no seu primeiro período, nos tempos do Imperador Justiniano (527-565), que seu desenvolvimento econômico e artístico deixou marcas profundas na Europa Ocidental. O Império Bizantino operou uma reunificação efêmera entre Ocidente e Oriente, na tentativa de reconstrução do gigantesco Império Romano, mas com a capital em pólo invertido, no lado oriental. Neste período os bizantinos fundaram a cidade de Ravena, no norte da Itália, base de divulgação da pintura de ícones bizantinos, que exerceriam grande influência na arte românica e na arte gótica, na Europa ocidental.

A pintura bizantina tinha como função retratar tanto a majestade da família real quanto a sacralidade das passagens bíblicas. Em seus mosaicos e ícones observa-se ainda uma rígida composição frontal e hierática, de inspiração egípcia, associada aos efeitos luminosos da arquitetura, como vemos na monumental Igreja de Santa Sofia.

Não raro os imperadores, como Justiniano e a sua esposa Teodora, aparecem retratados com auréolas, assim como os principais personagens bíblicos, como Jesus e Maria, são representados com insígnias reais.

Os primeiros criadores de ícones religiosos eram monges e suas funções eram reguladas pela Igreja Ortodoxa. Tratavam de retratar com cores e linhas o que os Evangelhos expressavam com palavras. Para os habitantes do Império os ícones eram a própria expressão de uma fé que experimenta diariamente a intervenção de Deus na sua vida cotidiana.

Arte Românica

A arte românica se desenvolveu nos séculos XI e XII, na Europa Ocidental, a partir da obra de artesãos da corte de Carlos Magno (século IX) e recebe este nome porque representa, ainda na Idade Média, um retorno à tradição cultural e artística do mundo greco-romano.

A pintura românica se caracteriza pelo uso de cores primárias homogêneas, sem meios tons ou jogos de luz e sombra, pois não havia a menor intenção de imitar a natureza, mas sim de evocar, isto é, convocar a presença da divindade pela imagem.

Assim os corpos não guardam qualquer proporção anatômica e as faces apresentam-se padronizadas e desprovidas de qualquer emoção ou traço individualizado.

As figuras não tinham nenhuma plasticidade e as formas do corpo apenas se insinuavam nas rígidas dobras dos mantos e túnicas. As linhas faciais eram acentuadas por contornos de traços grossos e escuros. No entanto é possível observar alguns requintes de técnica pictórica, como os elaborados contornos, como motivos vegetais, ou até mesmo alguns traços de escorço.

O românico é por excelência a arte da mentalidade feudal, sob o predomínio dos valores da Igreja Católica.

Em uma sociedade analfabeta, a pintura românica tem função pedagógica e ideológica, pois retrata a extrema reverência aos ensinamentos bíblicos e à submissão social dos camponeses na estrutura imóvel e trifuncional sociedade feudal (guerreiros, oradores e trabalhadores).

Arte Gótica

O estilo gótico é identificado com o período do renascimento comercial e a construção das grandes catedrais da Europa Ocidental (século XII ao XV). A palavra gótico, que faz referência aos godos ou bárbaros do norte, foi escolhida pejorativamente pelos italianos do renascimento. A verticalidade das formas, a pureza das linhas e o recato da ornamentação na arquitetura foram transportados também para a pintura e a escultura.

A pintura gótica surge aproximadamente cinquenta anos depois das primeiras catedrais e esculturas góticas. A transição entre o românico e o gótico é muito imprecisa, mas ocorre primeiro na Inglaterra e França em torno de ano de 1200, na Alemanha em 1220 e na Itália em torno de 1300.

Podemos identificar três fases no interior do movimento gótico. A primeira, nos séculos XII e XIII, ainda revela o padrão bizantino de composição das figuras em um fundo monocromático.

O realismo levemente insinuado na primeira fase se desenvolve na segunda fase (início do século XIV), marcada pela obra de Giotto e pelo naturalismo intrínseco à sensibilidade do franciscanismo.

Na terceira fase (final do século XIV) surge o gótico internacional, com padrões de composição mais complexos que serviriam de base para o renascimento do século XV.

A pintura de todo o período gótico é executada sobre quatro tipos de bases materiais: afrescos, telas, vitrais e iluminuras. No sul da Europa o suporte material predominante foram os afrescos criados nas paredes laterais das Igrejas. No norte o grande destaque foram os vitrais até o século XV. No início do século XV surge a primeira fase de pinturas holandesas (flamengas) que ainda apresentam um estilo gótico, mas pode ser considerada como parte da formação do Renascimento nórdico.

Imagem e Religião

A tradição egípcia (o duplo do morto) e a grega (“arte é mimesis”, diz a Aristóteles) consagram a arte como imitação da realidade. Já a tradição judaica choca-se com a grega e a egípcia, devido ao pecado da idolatria, definido entre os Dez Mandamentos:

“Não farás para ti imagem esculpida, nem figura alguma do que há em cima no céu, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra

“Não te encurvarás diante delas, nem as servirás; porque eu, o Senhor teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração daqueles que me odeiam”
(Gn 20,4-5)

A concepção cristã medieval busca uma conciliação entre as duas tradições anteriores: a imagem não representa, isto é, não é cópia da realidade mundana; a imagem é na verdade uma alusão à realidade divina.

As imagens sagradas do mundo católico medieval são assumidas pelos fiéis como objetos de evocação da presença do sagrado, além de desempenharem a função mais cotidiana de suporte pedagógico para a ensino religioso:

“Pois uma coisa é adorar uma imagem, e bem outra é aprender, a partir de uma história narrada por imagens, aquilo que se deve adorar. O que um livro é para aqueles que sabem ler, uma imagem o é para as pessoas ignorantes que a contemplam”.

(Carta do Papa Gregório ao Bispo de Marselha, século VI, citado por BAXANDALL, Michael. O Olhar renascente: pintura e experiência social na Itália da Renascença. RJ. Paz e Terra, 1991, 49).

Imagem e o Inconsciente

A arte medieval exibe um amplo conjunto de significados morais e teológicos. Um dos aspectos mais visíveis da mensagem moral é a advertência sobre o caráter transitório da vida material, à qual o fiel não deve mostrar apego excessivo. Esta tradição na arte ocidental, chamada de “vanitas”, só foi possível pelo impacto psicológico da imagem como um aviso. Certos motivos como a caveira, a ampulheta e a vela acesa lembram ao observador a passagem do tempo. Tais recursos trazem um aviso que carregam uma injunção moral contra os prazeres vãos e que implica adorar a Deus.

Mas as advertências que tais imagens expressam também transmitem desejos inconscientes:

“O medo cristão do sexo e o desprezo pelo corpo são frequentemente expressos de uma forma que visualmente significa a atração por aquilo que se teme ou despreza. Isto é verdade, por exemplo, na obra Juízo Final, de Giotto, na Capela da Arena. Um grupo de quatro pecadores ocupa uma posição proeminente na composição, cada um suspenso pela parte do corpo através da qual pecou: pela língua, cabelo e dois pelos órgãos sexuais” (LUCIE-SMITH, Edward. *Sexuality in Western Art..* Thames And Hudson, London, 1997, pag 31)

A queda das almas condenadas tem um caráter sexual evidente no fato de que na arte medieval somente os condenados estão nus. “Da mesma forma, a queda em sonhos indica sedução sexual passiva, do que também deriva o termo coloquial mulher decadente” (ADAMS, Laurie Schneider. *Art and Psychoanalysis*, New York, 1994, pagina 68)

A abundância de figuras penduradas na pintura de Giotto ilustra a ideia de um puxão da gravidade para baixo para atingir a morte. A apresentação dos condenados é tipicamente desordenada e a ênfase da arte medieval na agressão oral (dos que estão à esquerda) contrasta com a dignidade e a ordem dos que estão salvos (à direita).

A incidência de representações eróticas sem dúvida cresce na última fase da Idade Média. E justo no momento em que o espírito medieval dava seus últimos suspiros, nasce o pintor holandês Hieronimus Bosch (1450 – 1516). No tríptico "Jardim das Delícias" (1485 - 1505) Bosch está tentando mostrar a doçura e a beleza do sonho humano de um paraíso na terra que traria completamente os seus desejos inconscientes, mas também mostra ao mesmo tempo o efêmero e a fragilidade destes desejos.

"Embora trate seu tema com tanta franqueza, Bosch permanece um artista medieval. É significativo que seus nus femininos ajustem-se absolutamente ao tipo medieval, não apenas nas proporções, mas nas atitudes que os corpos expressam.

O corpo é apresentado nu, mas de uma nudez mais frágil e triste que gloriosa (...) Bosch olha tanto para trás quanto para frente: nele encontramos elementos que parecem alusões a velhos cultos de fertilidade, florescidos antes do cristianismo, e ao mesmo tempo parece prenunciar as extravagâncias do Surrealismo do século XX".

(LUCIE-SMITH, Edward. *Sexuality in Western Art..* Thames And Hudson, London, 1997, pag 31)